

*Vereadoras de Varginha*

# *Vereadoras de Varginha*



**CÂMARA  
MUNICIPAL DE  
VARGINHA**



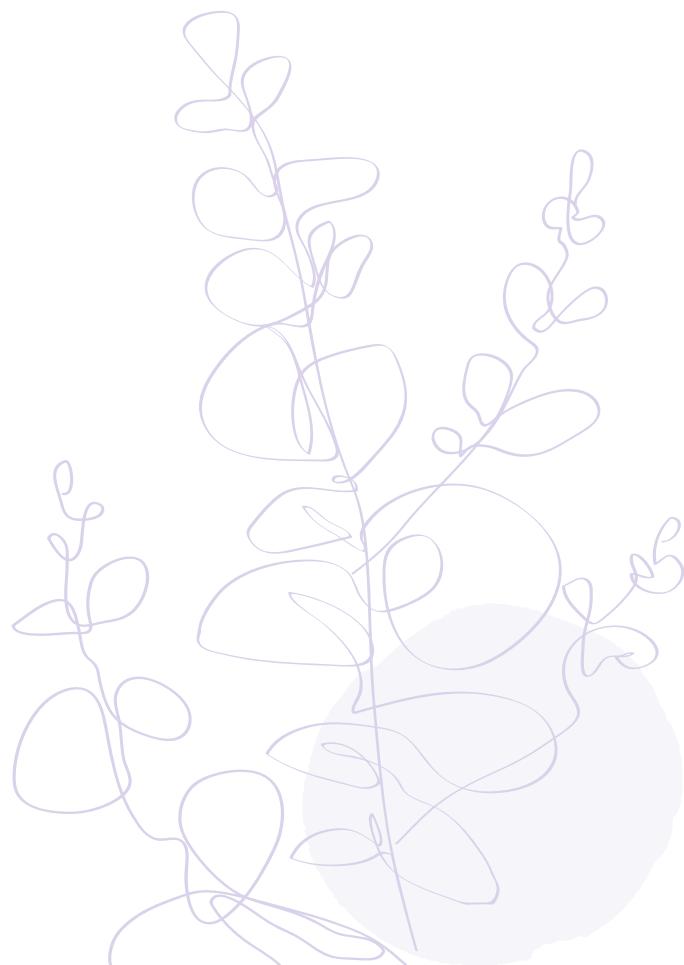
*A história de quem conjuga  
política no feminino*



*Vereadoras  
de Varginha*



# Apresentação



Este livro é uma publicação da  
Câmara Municipal de Varginha.  
Jornalista responsável: Gleison Mar-  
ques – MTB 14.958/MG

O padrão hegemônico de se fazer política, profundamente marcado pelas assimetrias de gênero, historicamente tem impedido que mulheres, das mais diversas formações, origens e objetivos, afirmem-se como sujeitos ativos e participantes da construção cotidiana de um modelo de sociedade mais justo e inclusivo.

Um padrão que se perpetua nas esferas de poder e que, mais do que nunca, precisa ser revisto, revalidado e ressignificado. A Câmara Municipal de Varginha trabalha contínua e cotidianamente para que a Casa do Povo seja, cada vez mais, um lugar democrático, mas também um lugar de fala e de ação das mulheres varginhenses, para que sejam agentes do seu tempo

e da construção de políticas públicas efetivas. Mais do que elaborar e fiscalizar leis que as contemplem como seres humanos iguais em direitos e deveres, o Legislativo municipal trabalha para colocar em prática um processo de reparação histórica que permita às mulheres visibilidade e respeito.

O Poder Legislativo da nossa cidade dedica grande atenção e ação à inclusão feminina em todos os campos sociais e econômicos. As vereadoras atuam com o propósito de reconhecer as mulheres como pauta essencial para Varginha crescer em igualdade e prosperidade.

O livro que você tem em mãos ajudará a (re)conhecer como 12 mulheres à frente do Legislativo foram

e são capazes de quebrar paradigmas, abrir espaços institucionais de poder e inspirar mulheres.

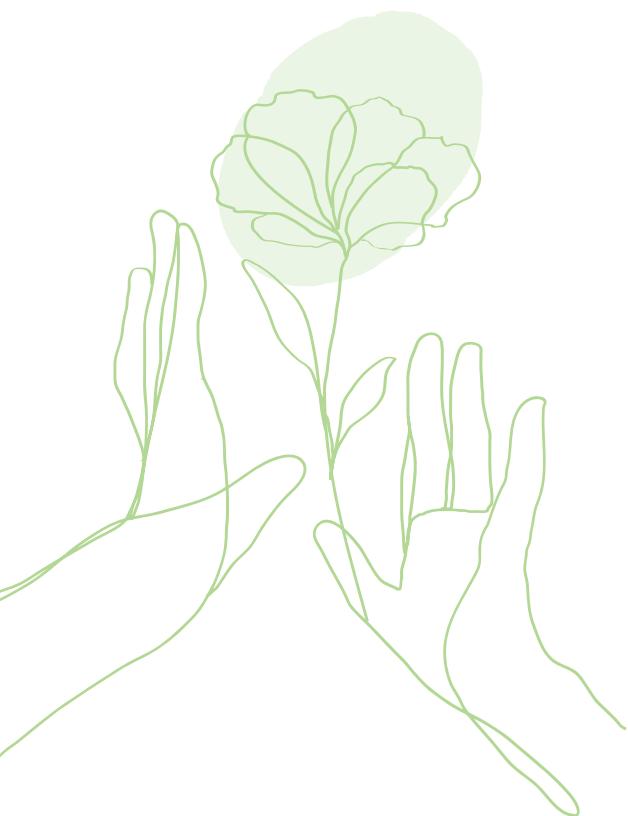
Resultado de uma aprofundada pesquisa sobre a construção da representação e do protagonismo feminino na agenda política de Varginha, este livro dá luz à uma temática fundamental na atualidade: as questões de gênero sejam pautas cada vez mais valorizadas.

Por isso, este livro buscou projetar uma linha narrativa única e transversal no conjunto de contribuições de cada uma das vereadoras à frente do Legislativo municipal, estabelecendo diálogos e problematizando a complexidade das dinâmicas sociais e dos desafios, presentes e futuros.

Boa leitura!

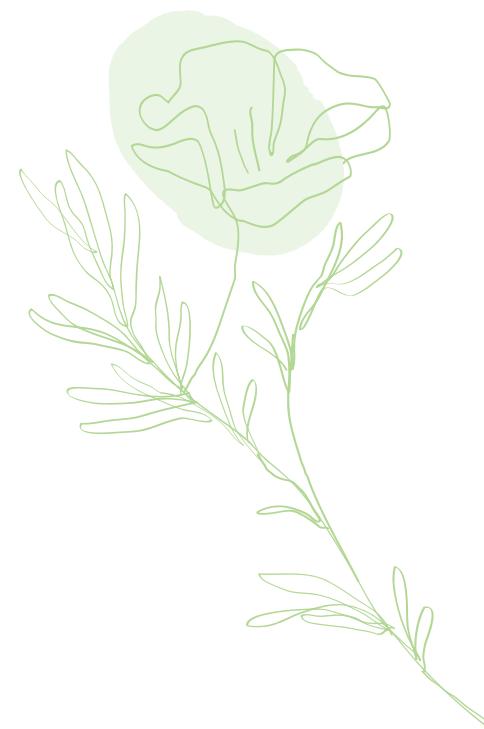
# Índice

Índice



Este livro segue a ordem cronológica no exercício do mandato das vereadoras.

<b>Agradecimento</b>	<b>09</b>
<b>Política conjugada no feminino</b>	<b>11</b>
<b>Legado na voz dos seus descendentes</b>	<b>15</b>
Lucia Carvalho	17
Maria Isabel Resende Pompeu	21
Gerda Schuetz	25
<b>Legado na voz das protagonistas</b>	<b>29</b>
Terezinha Del-Fraro David	31



Maria Carmélia Magalhães	35
Vera Lúcia Dias Acayaba Vieira	39
Abeí Miranda de Castro	43
Meryvone Mansur Bísaro	47
Célia Aparecida da Silva	51
Racibe de Fátima Faria	55
Zilda Maria da Silva	59
<b>Legislatura 2021 a 2024</b>	<b>62</b>

# Agradecimento

## Agradecimento



Este livro foi idealizado a partir de um desejo inerente à prática legislativa da Câmara Municipal de Varginha: dar voz às mulheres que deixaram um legado importante na história da Casa do Povo e da cidade.

Como não poderia deixar de ser, a produção desse conteúdo só foi possível com o apoio gentil, caloroso e acessível das mulheres vereadoras. Ter a oportunidade de ouvir, mas, sobretudo, registrar como mulheres tão fortes experienciaram as diferenças de gênero dentro e fora do Legislativo, driblando toda a sorte de enfrentamentos, é algo raro. Daí a equipe de produção do livro “Mulheres de Varginha” expressar o mais sincero agradecimento a essas protagonistas.

Tão importante quanto essas pro-

tagonistas são os familiares que assistiram de perto a evolução de algumas dessas vereadoras e que hoje contribuem expressivamente. São personagens que falam da memória de avós, tias e mães que já partiram, mas que igualmente contribuíram.

Valdemar Frederico da Silva Junior, Antônio Augusto e Luciene Pompeu Silva Ferreira, seus conhecimentos relevantes sobre Gerda Schurtz, Lúcia Carvalho e Maria Izabel Pompeu, respectivamente, muito colaboraram para a obtenção das informações a respeito dessas mulheres fundamentais na composição de lutas pela igualdade, equidade e cidadania. Um agradecimento especial ao ex-presidente da Câmara, ex-prefeito e ex-deputado estadual Dr. Eduardo Benedito Ottoni.

# Política conjugada no feminino:

*As mulheres do Legislativo de Varginha  
que fazem o protagonismo de todas*



O primeiro voto no Brasil foi em 1932, décadas e décadas depois dos primeiros passos do movimento sufragista na Inglaterra, que reivindicava o acesso igualitário das mulheres ao voto. Em diferentes lugares do mundo, cada uma a seu tempo, mulheres se organizaram e se manifestaram pelo voto feminino. Na Nova Zelândia, aconteceu em 1893, e a partir da década de 1910, diversos outros países, como o Reino Unido e os

Estados Unidos.

O sufrágio universal garante, nas suas prerrogativas, o direito ao voto pelas mulheres. Aqui desse lado dos trópicos, as mulheres brasileiras, do sufrágio universal à eleição de uma presidente, têm lutado pela participação igualitária na política há mais de 100 anos. Portanto, há quase um século de voto, tem-se buscado reconhecer, historicamente, a luta pelos direitos que hoje compartilhamos. Isso porque



as mulheres ainda não alcançaram os mesmos lugares e os mesmos direitos em relação aos homens, mesmo com a Constituição brasileira de 1988 garantindo a igualdade de gênero. E foi a Constituinte deste mesmo ano que representou um marco na mobilização das mulheres na política brasileira.

Como então operacionalizar a igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade, tratando as mulheres como seres humanos na mesma es-

cala de importância que os homens? Se as leis ainda não dão conta de garantir os mesmos direitos de sobrevivência às mulheres, o único caminho possível para a representação do protagonismo feminino é por meio de políticas públicas focadas em consolidar os direitos delas em toda a sua extensão e políticas de Estado que assegurem a igualdade, a equidade e o alcance da cidadania.

A Câmara de Varginha, casa do

povo por excelência e lugar de vanguarda por vocação, tem se tornado um espaço democrático e plural no processo de fortalecimento do protagonismo entre as mulheres, sobretudo por meio da participação na agenda política e em decisões que incidem diretamente no dia a dia delas.

No contexto municipal, o Legislativo de Varginha trabalha para garantir espaços de visibilidade e discussão de temáticas que impactam

a vida das mulheres, promovendo, assim, a igualdade entre homens e mulheres nos espaços institucionais do poder, na iniciativa privada e na sociedade civil em geral. É tudo isso por meio de eventos, ações e encontros.

Garantir o protagonismo das mulheres no contexto municipal passa pelo voto, pela representatividade e pela construção, em conjunto, de políticas públicas, sociais e econômicas de inclusão, de combate à

discriminação e de autonomia.

O voto, hoje consolidado, é um dos caminhos possíveis e necessários para a desconstrução cultural e sociológica nas quais se mantêm as desigualdades de gênero. Mas para que a representação do protagonismo das mulheres se consolide é necessário promover a igualdade, participar da agenda política local e decidir.

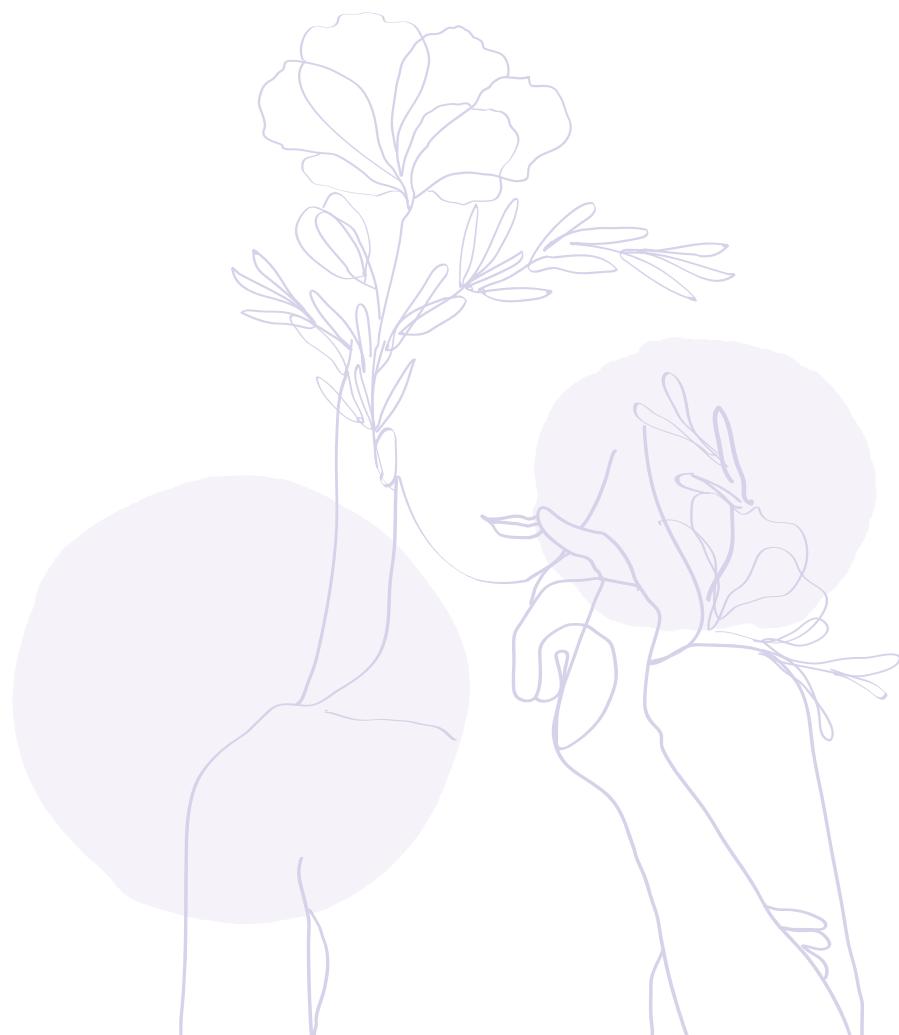
Em Varginha, por trás disso tudo, estão mulheres que, há décadas,

buscam assegurar essa evolução a partir do Legislativo. São vereadoras que ajudam a pavimentar o trabalho de base dessa evolução. São 12 mulheres que marcaram a história da cidade e levaram o nome de Varginha para o Brasil – fica apenas uma pequena observação: não conseguimos coletar as informações da suplente de vereador Myriam Sant'Anna.

O livro que você tem em mãos vai te apresentar cada uma delas.



# Legado nas vozes dos seus descendentes



A história oral pode assumir várias interpretações e perspectivas. Tudo depende de como os protagonistas sentiram e experienciaram tanto os episódios mais pro-saicos da vida cotidiana como os fatos e episódios profundamente marcantes. Isso porque a história é contada na voz de personagens que estiveram imersos quando

tudo estava acontecendo.

Aqui no nosso livro, são personagens que, no passado, participaram da construção de vida de mulheres fundamentais para a Câmara Municipal de Varginha e que hoje darão voz e vida a quem já partiu.

Filhos, sobrinhos, netos que hoje serão protagonistas dessa história a ser contada.

# Lucia Carvalho

De 1947 a 1966 (reeleita em 5 mandatos)

*por seu sobrinho Antônio Augusto*



Quando a extensão da vida pessoal toma conta das decisões profissionais, grande parte da família – ou ela toda – participa da construção de muitas das decisões. Participa das expectativas, dos planos, do envolvimento.

Não raro é assim na política, como na casa do senhor Antônio Augusto, sobrinho da ex-vereadora Lucia Carvalho. Até então uma personagem da história de sua tia, hoje, é esse senhor de 85 anos, cheio de

simpatia e carisma, que dá voz a essa integrante da família.

Mais do que sobrinho, Seu Antônio deixa muito claro, quando começa os seus relatos sobre Lucia, que se considera um filho, e que, portanto, tem alguma legitimidade e propriedade para falar sobre ela. Afinal, mais do que experienciar uma relação de proximidade, ele acompanhou, desde muito meninote, a evolução profissional de sua tia à frente

do Legislativo varginhense. E não é para menos: Lucia Carvalho foi eleita a primeira vereadora de Varginha. De 1947 a 1966, foi reeleita por cinco mandatos. As quase duas décadas no Legislativo, reafirmou e consolidou o que desde sempre realizou com destreza, genuinidade e empatia: ajudar ao próximo. Antonio conta que grande parte

dos projetos de Lucia foi voltado à área social. Professora primária na Escola Afonso Pena até a sua aposentadoria, levou para a Câmara a possibilidade de expandir o significado de doação. Buscando na sua memória afetiva qualquer episódio ou particularidade dos mandatos da tia que remeta ao seu ímpeto de mudar o mundo, Antonio se recorda da profunda

doação emocional de Lucia e, invariavelmente, de toda a família. A casa de Dona Alcina Ferreira de Carvalho, avó de Antonio e mãe de Lucia, tornou-se um espaço de convívio, de encontros afetuosos, de reuniões familiares, mas também de grandes decisões legislativas. “A casa da minha avó era um verdadeiro comitê político”, lembra com orgulho e afeto.



As grandes discussões e debates acalorados dividiam espaço com a criançada brincando e fazendo as traquinagens típicas da infância. Tudo em plena harmonia. Todos criados juntos, sobrinhos, netos, tias (Dona Alcina foi mãe de cinco mulheres e um homem) assistiram de perto a evolução de Lucia. Enquanto vereadora, esteve à frente de projetos habitacionais e dividia a sua agenda com visitas regulares às famílias que ajudava. “Tudo para saber se estavam bem e se faltava alguma coisa”, complementa Antonio. E assim, o sobrinho hoje um farmacêutico aposentado, lembra com orgulho o vanguardismo e o pioneirismo de uma jovem professora que ousou ser a primeira vereadora da cidade de Varginha. Para ele, este é um dos principais legados que Lucia deixa: “Depois da minha tia, muitas outras mulheres começaram a aparecer na política da cidade. Ela foi uma verdadeira inspiração. Quanta coragem a dela”.

# Maria Isabel Resende Pompeu

Mandato de 1971 a 1972  
*por sua neta Luciene Pompeu Silva Ferreira*



Antes mesmo de a Assembleia Nacional Constituinte acontecer, no final da década de 1980, abrindo campo vasto para a promulgação, um ano depois, da Constituição Cidadã, foram muitos e muitas personagens que buscaram assegurar a liberdade de pensamento, os direitos – bem como os deveres do Estado –, e uma efetiva representatividade do povo nas instâncias públicas de poder.

Uma dessas personagens, melhor

dizendo, protagonistas, estava bem aqui próxima de nós, em Varginha: Maria Isabel Resende Pompeu, vereadora de 1971 a 1972.

A redemocratização nacional ainda estava mais de duas décadas distante quando Maria Isabel respirou coragem e decidiu fortalecer a representatividade na política, marcando a história dela, da família e de uma cidade inteira para sempre. Candidatou-se ao Legislativo e foi eleita como segunda vereadora do



município na linha cronológica. Quem lembra desse feito é o ex-prefeito de Varginha, Dr. Eduardo Benedito Ottoni: “Ela recebeu uma votação expressiva e teve um desempenho parlamentar que a consagrou como uma excelente vereadora, com reconhecimento de toda a comunidade. Sua ação foi muito voltada para as obras sociais, especialmente às crianças”. Quem nos conta essa trajetória tão vanguardista é a sua neta, a advogada e servidora pública em educação, Luciene Pompeu Silva Fer-

reira. O sorriso largo e carinhoso no rosto de Luciene já anuncia que vêm boas histórias pela frente. E é justamente pelas histórias que vamos começar. A neta que teve a sorte de passar uma boa parte da infância ao lado dos avós fala sobre uma característica inata e também marcante em Maria Isabel: a destreza em escarafunchar a memória afetiva da família e rememorar e reproduzir as histórias dos pais, dos avós e de tantas outras pessoas fundamentais para o registro da memória



dos seus antepassados.

Foi assim, ouvindo causos, histórias e relatos da família que Luciene foi unindo pontas soltas e (re)conhecendo o percurso de coragem e luta dos integrantes Resende Pompeu.

Mineira de raiz, Maria Isabel nasceu em São Vicente de Minas, no ano de 1921. Pelas palavras da neta, a avó desde sempre foi uma moça encantadora, alegre e audaciosa. Mas eram a coragem e a fibra desta mineira descendente de família modesta de fazendeiros

que a destacavam. “Ainda na sua meninice e adolescência, a minha avó já trazia uma personalidade marcante. Essa característica especialmente possibilitou que ela não passasse despercebida, e que o futuro lhe reservasse grandes histórias”, conta Luciene. Aluna prodigiosa e extremamente dedicada, foi no ambiente que mais gostava e sentia-se bem, a escola, que conheceu o marido, o seu então professor, Dr. José Spártaco Pompeu. A partir desse encontro, tantas

e tantas histórias ganharam vida, como, por exemplo, o impulsionamento e a sua projeção política. Luciene relembra que o avô foi a grande inspiração da avó, afinal, o professor e advogado Dr. José Spártaco desempenhou as mais notórias funções no município, tendo sido diretor de escolas, delegado de polícia, escritor e jornalista. Maria Isabel foi então tecendo a sua história de vida atrelada ao desejo de atuar numa efetiva mudança histórico-social. Nem o contexto do

regime militar nem o cenário de baixa participação feminina no pleito eleitoral a intimidou para então se autoafirmar. De proprietária de uma floricultura na cidade de Varginha à presidência, ao lado do marido, da instituição “Educandário Olegário Maciel”, deu-se o efetivo envolvimento com a comunidade.

Foi então que expandiu a sua habilidade inata em se comunicar para potencializar a sua atuação social com o diploma de vereadora de Varginha, em 1970. “Este título foi, sem dúvidas, desafiador quando se tem em conta as dificuldades de as mulheres vencerem os confrontos inerentes às candidaturas femininas no pleito eleitoral da época”, explica Luciene. E sobre a invisibilidade das mulheres nas instituições públicas de poder, Eduardo Ottoni complementa: “A sua ação como vereadora projetou na sociedade a importância da participação feminina na política partidária, bem como da valorização da mulher na administração pública”.



# Gerda Schuetz

Mandato de 1983 a 1988

*por seu filho Valdemar Frederico da Silva Júnior*



Deixar um marco na vida de alguém, muitas vezes, não depende de muito. Basta ter força de vontade e engajamento, molas propulsoras para, inclusive, abrir campo fértil para uma mudança de perspectiva na sociedade.

É com essa profunda admiração que Valdemar Frederico da Silva Júnior, filho de Gerda Schuetz, fala a respeito de sua mãe. Nasceu e criado numa casa de artistas, esse músico, poeta, escritor e hoje

advogado foi testemunha ocular da evolução de Gerda em todos os campos afetivos da vida dela e da família.

Primogênito de oito filhos, atuou com empenho na campanha de sua mãe. Embora tenha deixado Varginha em 1978 para residir em Betim, região metropolitana de Belo Horizonte e hoje sua casa, experienciou a grata sorte de ter sido o primeiro filho a presenciar e participar da evolução da futura vereadora.



Gerda Schuetz foi mãe dedicada de oito filhos (Valdemar, Ana Paulina, Walter Chinho, Vitória, Guilherme, João Pedro, Richard e Fabíola), e ao lado do seu marido, o maestro Don Waldrico, Delegado da Ordem dos Músicos do Brasil em Varginha, empreendeu a árdua tarefa de dividir uma dupla jornada de trabalho: educar e cuidar dessa tão grande família e ajudar na sapataria do marido.

Foi então que aos 30 anos de idade decidiu ingressar na faculdade.

Poucos anos depois, tornou-se a professora de História e de Geografia mais querida da cidade e, futuramente, uma das mais votadas, tendo sido a mobilização estudantil, inclusive, o grande diferencial na sua eleição em 1982, cujo mandato foi de 1983 a 1988. Lecionou no Ginásio e no Colegial – hoje equivalente ao Ensino Médio – até a sua primeira candidatura.

Para nos narrar todas as histórias possíveis à lembrança de sua mãe, que partiu jovem, aos 59 anos de

idade, vítima de leucemia, Valdemar percorreu, emocionado e orgulhoso, a sua memória afetiva. Lembrou-se, com precisão, que diante do engajamento social de Gerda, à frente de tantos projetos e empenhada em fazer da educação a ferramenta de emancipação de seus alunos, um determinado partido viu o seu potencial, convidando-a a integrar o movimento. Sem hesitar, sondou a família sobre a possibilidade de se candidatar vereadora em Varginha e,

como não poderia ser diferente, recebeu o apoio unânime de todos e todas, sobretudo do marido. Diante da força de vontade tão expressiva, Valdemar afirma categoricamente: “Minha mãe foi vitoriosa por conta própria. Sem recursos, encabeçou uma campanha dessa envergadura e venceu”. O filho ainda nos conta um caso bem curioso durante os preparativos para a eleição. Naquela altura, o primogênito, já em Betim, estava à frente de uma oficina

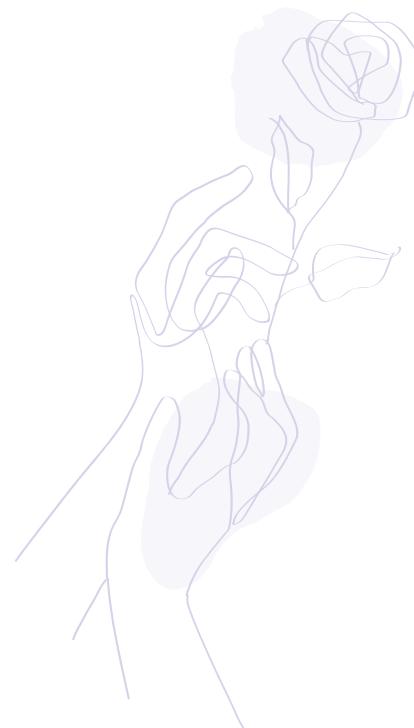
de serigrafia, juntamente com o artista plástico Cláudio Guedes, tendo sido o QG oficial de impressão de todos os materiais da campanha. “Imaginem só, mais de três décadas atrás, o que seria imprimir cartazes, folhetos e santinhos! Não havia essa estrutura, tampouco uma edição de arte para tratar as fotos”.

Das limitações da época, Cláudio Guedes, que carinhosamente a chamava de Mama Gerda, conseguiu um resultado fabuloso:

as imagens da nossa candidata foram ilustradas com gravuras. “Tudo criativo, lindo e feito com arte”.

Em 1983, Gerda iniciava o seu mandato e abraçava a Cultura e a Educação como suas plataformas de governo. A sua luta foi tão intensa e importante que conseguiu um grande feito para o patrimônio material e imaterial de Varginha: o tombamento do Teatro Capitólio. Foi vereadora por seis anos, até 1988, um ano de fundamental importância para o processo de reabertura democrática do Brasil com a Constituinte. Diante de tamanho envolvimento, o filho diz categoricamente: “Ao ser eleita, minha mãe se comprometeu a doar-se e deixar o seu melhor. E deixou. Deixou legado, deixou inspiração, deixou saudade”.





# Legado nas vozes das protagonistas

Nas linhas a seguir, daremos visibilidade à fundamental importância de os espaços institucionais de poder em Varginha abrirem caminho para propor e concretizar ações afirmativas para as mulheres, recriando novas dinâmicas socioeconômicas e diluindo opressões históricas. Nas próximas linhas, entenderemos o legado deixado por vereadoras por elas mesmas. Serão as protagonistas de suas próprias narrativas que vão nos explicar

como buscaram reverter a sub-representação política das mulheres e, ao mesmo tempo, trabalhar para que a inclusão delas em Varginha garantisse qualidade de vida, oportunidade e participação democrática mais efetivas. Aqui, essas vereadoras terão lugar de fala próprio para nos explicar como ações afirmativas e políticas públicas empreendidas por elas tornaram-se um mecanismo de justiça social, representatividade e evolução.

# Terezinha Del-Fraro David

De 1983 a 1992 (reeleita em 3 mandatos)

e presidente da Câmara em 1991



Terezinha Del-Fraro David é uma mulher que escreve a sua história com base em feitos importantes. A começar pela casa Legislativa da cidade: foi a primeira mulher a administrar a Câmara Municipal, tendo ocupado, inclusive, o cargo de vice-presidente num outro momento. Por dez anos, em duas passagens como vereadora, além dos trabalhos de profunda relevância à frente do setor social, dezenas de outros, nos mais diversos setores,

ajudaram a reestruturar Varginha: ampliação da rede de esgoto e de água em vários bairros da cidade (Santa Maria, Urupês, José Martins Filho, Vargem e Vila Floresta), instalação de iluminação pública e de telefones públicos, melhorias na malha de trânsito, como passagens de pedestres e sinalização de solo em várias ruas; limpeza pública, exames de acuidade visual e a destinação de aparelhos para o Banco de Olhos.

De todos os projetos propostos e aprovados, dos ante-projetos e de requerimentos de interesse da sociedade varginhense, um deles marcou profundamente essa mulher visionária: a construção da Delegacia da Mulher. Especializada no atendimento e no acolhimento de mulheres vítimas de violência física, psicológica e sexual, o espaço, hoje localizado em outro endereço, tornou-se referência no combate às desigualdades de gênero.

E não para por aí: também atuou como Titular da Cadeira de Didática da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Varginha, secretária de Educação, vice e diretora da Fundação Cultural, com intensas atividades no Theatro Capitólio.

O ofício de professora e diretora em escolas da cidade, por mais de 30 anos, somado ao intenso e cuidadoso trabalho social, especialmente no Educandário Olegário Maciel, abriu caminhos, possibilidades e um vasto conhecimento



sobre os meandros da cidade. Ela andava por todos os lugares. Terezinha lembra com carinho que, "por conta disso, quando as pessoas precisavam se localizar ou saber o nome das ruas, elas me telefonavam".

Essas veredas escolhidas e percorridas por Del-Fraro levaram-na também a melhor conhecer a realidade e as necessidades do povo varginhense. Percorreu caminhos que poucos gestores públicos priorizam no trabalho cotidiano, acolheu e entrevistou no bem-estar

de famílias em situação de vulnerabilidade e fez a diferença.

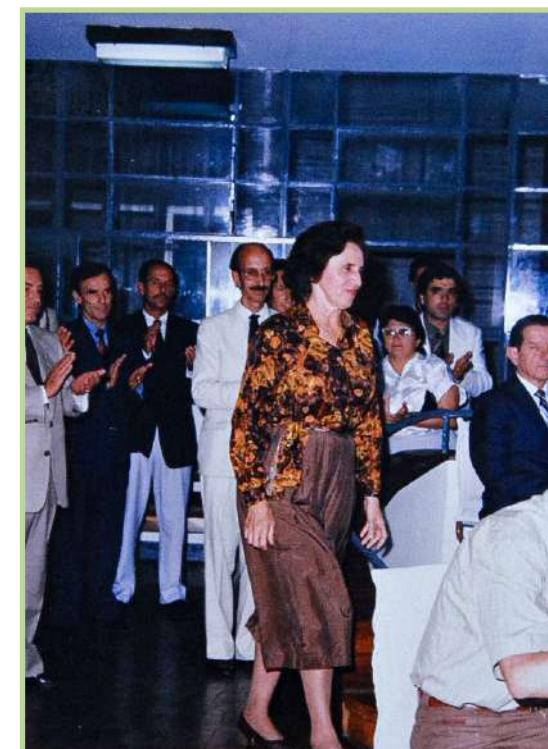
Para isso, trabalhou incansavelmente. Num tempo em que as mulheres raramente ocupavam cargos públicos, muitas delas ainda circunscritas à esfera doméstica, Terezinha foi à luta. "Lecionei nos três turnos por três décadas, então, posso dizer que já estava habituada a trabalhar muito. No exercício de professora, aprendi a olhar diferente para a minha comunidade, e acho que fui eleita também por conta do meu trabalho social. Por isso mesmo é que entendo

a função de legisladora como uma forma de intervenção ainda mais próxima com a população".

Através da Câmara, Terezinha e a então vereadora Maria Carmélia, colegas de Legislativo, estabeleceram uma relação de ajuda mútua e somaram uma força-tarefa para a representatividade feminina nos trabalhos pautados, inclusive com o apoio incondicional do então prefeito Dilzon Melo. Os diversos projetos aprovados ainda rendem boas lembranças e

reconhecimento de quem viveu esse tempo.

Hoje, Terezinha, que também contabiliza feitos históricos em casa – são quase 90 anos de idade, com cinco filhos que trouxeram nove netos e cinco bisnetos – deixa um recado importante para as mulheres varginhenses de hoje: "Elas devem lutar para ter um lugar na Câmara, trabalhando em conjunto com os homens, exercendo, assim, um trabalho ainda melhor, e não à parte".



# Maria Carmélia Magalhães

Mandato de 1989 a 1992



Para muitos, talvez seja difícil imaginar como uma mulher aos seus oitenta e poucos anos chega a essa idade, a essa altura da vida, mantendo uma invejável vontade de trabalhar pela cidade que tanto quer bem. Esse tipo de mulher forte não só está cada vez mais atuante como também compõe uma maioria cada vez mais expressiva.

Uma dessas figuras lendárias e exemplares é Maria Carmélia, vere-

adora histórica e atuante no Legislativo municipal entre os anos 1989 e 1992, quando a Câmara de Varginha ainda localizava-se no antigo prédio, à rua Delfim Moreira.

A sua candidatura foi como uma extensão natural da atuação intensa no setor social. Durante grande parte da sua vida, andou por toda a cidade e zona rural para melhor observar as reais demandas da população, sobretudo as famílias em vulnerabilidade



socioeconômica, como nos bairros São Francisco, São Sebastião, Igreja Nossa Senhora Aparecida e demais comunidades. Um exercício cotidiano que fortaleceu o vínculo com a comunidade varginhense e amadureceu a atuação. Desde sempre envolvida com os trabalhos comunitários, especialmente na Igreja do Mártir São Sebastião, a vontade de ser vereadora foi especialmente trabalhada a partir dos convites dos amigos políticos Dilzon Mello e Julio Calezato. Candidatou-se então por duas vezes, tendo sido

suplente em uma delas. Os quatro anos de mandato na casa Legislativa “foi uma forma de potencializar todo o trabalho que eu já fazia no social”, lembra carinhosamente Carmélia. Uma atuação que, de acordo com a ex-vereadora, trouxe os mais diversos enfrentamentos, por exemplo, no cenário político-econômico brasileiro, que experimentava os desafios inerentes que uma mudança monetária invariavelmente traz (entre 1989 e 1992, o país teve três moedas: cruzado novo, cruzeiro



e cruzeiro real). Embora a bagagem política de Maria Carmélia se restringisse à formação em Direito, foi na prática Legislativa que amadureceu a sua experiência e entendeu como essa função representa um dos caminhos possíveis para efetivas mudanças na sociedade. “Quando a gente se candidata pela primeira vez, não tem o entendimento preciso de como ser vereadora. É só com o tempo e com o olhar atento e voltado à população que a gente vai evoluindo, inclusive como ser humano, com empatia

e sensibilidade”, desabafa. Uma experiência somada ao trabalho em conjunto com a também então vereadora Terezinha Del-Fraro, que, numa relação de sólida amizade e ampla parceria, criou requerimentos e projetos que mudaram a dinâmica da cidade e de muitas famílias varginhenses, como a inauguração de bairros, casas, escolas, entre outros projetos estruturais. O legado dos tempos de vereadora ainda surte efeito na vida cotidiana de Carmélia. Assim como a amiga Del-Fraro, basta andar pela



cidade que as sugestões e os pedidos de melhoria em Varginha são verbalizados por quem conheceu o seu trabalho. Se a política fica na história e no sangue, essa mulher longeva e tão cheia de vida e experiência é um exemplo vivo de como a representatividade feminina é fundamental para toda uma cidade. Nessa importância, ao ser questionada sobre como inspirar as mulheres a ingressarem na vida política, Maria Carmélia respondeu: “É preciso despertar a necessidade do voto em mulheres



não somente nas mulheres, mas também nos homens. Só o trabalho de conscientização, desde cedo, possibilita essa mudança de comportamento. É preciso haver vontade de ser vereadora”.



# Vera Lúcia Dias Acayaba Vieira

Mandato de 1997 a 2000, vice-presidente da Mesa Diretora, em 1999 e secretária da Mesa Diretora em 2000



Quando a participação e a representação das mulheres numa esfera majoritária e historicamente composta por homens ganham força, corpo e nome, novos arranjos institucionais passam a se desenhar.

No caso de um Legislativo municipal, essas novas protagonistas da sociedade civil passam a criar uma estrutura alternativa, mas ao mesmo tempo integrante, complementar e pulsante, neste que

representa um importante centro decisório de políticas públicas.

Tornar a sua presença visível, mas, acima de tudo, atuante, fez de Vera Acayaba uma referência não apenas durante o seu mandato de quatro anos na Câmara Municipal de Varginha, mas também no tão importante processo de afirmação político-democrática das mulheres no conjunto de elaboração e fiscalização de leis no município.



Hoje trabalha na área terapêutica, mas foi como educadora em escolas da rede pública estadual que Vera consolidou o entendimento de que a representação política-eleitoral, historicamente diminuta, poderia ser revertida de forma que as mulheres fossem efetivamente protagonistas, e não mais coadjuvantes. Cheia de ideal e de projetos, Vera candidatou-se ao cargo de vereadora em Varginha. A vitória expressiva, a qual atribui à sua fé e ao papel exercido como educadora ao longo de décadas, abriu campo fértil para toda a sorte de bons acontecimentos: desde a admiração e o respeito pelos colegas e funcionários da Câmara, auxiliando-a em todo e qualquer planejamento, até a concretização de importantes projetos.

Ao ocupar um espaço institu-

cional de poder dessa natureza e importância, Vera entendeu que “a política é um meio privilegiado de ajudar ao próximo, e nós mulheres, devido à nossa sensibilidade, somos capazes de realizar grandes obras em favor dos menos favorecidos”, como ela mesma relembra.

Dinamismo e empatia são, para Vera, alguns dos ingredientes basilares, nessa composição de forças, para que haja uma efetiva afirmação das mulheres nesses espaços. E ainda há muito a ser feito: “Pouquíssimos são os avanços na legislação no campo dos direitos das mulheres. Observamos essa realidade nos resultados das urnas. Ainda necessitamos de muita criatividade para conquistarmos maiores espaços no campo da política”.



# Abeí Miranda de Castro

Mandato de 2001 a 2004



Um dos principais objetivos de Abeí Miranda de Castro na área da educação sempre foi o de unir duas pontas do debate sobre o tema “mulher” e “representatividade política”. A primeira delas diz respeito à educação enquanto mola propulsora para a expansão intelectual e consolidação da posição de sujeito na sociedade, possibilitando, assim, avanços nas conquistas de direitos elementares. Já a segunda é trabalhar

por políticas públicas que contemplem as mulheres enquanto sujeitos atuantes e determinantes na evolução de toda e qualquer cultura.

Para colar essas duas pontas que, de uma certa forma, são indissociáveis, a professora Abeí trabalhou incansavelmente durante décadas. Mas foi especialmente no exercício do cargo de vereadora da Câmara Municipal de Varginha, durante os anos de 2001 a



2004, que esse objetivo ganhou corpo, afinal, a então professora entendeu com muito mais clareza e propriedade que a sub-representação feminina nos espaços institucionais de poder ainda é determinante na criação de políticas públicas voltadas às mulheres. E justamente para romper todos esses obstáculos e garantir mudanças no campo da representação e da legislação que Abeí não pensou duas vezes quando recebeu o convite para se candidatar ao Legislativo varginhense. A decisão foi inquestionável e irrevogável, tanto que a famí-

lia concordou de pronto e o seu então partido também. Mas esse passo corajoso só se deu em cima da hora e depois de uma sorte de acontecimentos: a desistência da candidatura de uma colega de partido e a conquista da verba suficiente para a produção do material gráfico de campanha. Faltavam poucos meses para as eleições de um ano que marcará a sua vida para sempre. Abeí lembra com carinho de como a comunidade escolar se envolveu nesse momento: “Fazer campanha exige garra, tempo e boa disposição, mas também um bom

investimento financeiro. A minha sorte é que ganhei na loteria e todo o valor arrecadado foi destinado ao material gráfico. E assim que eu comecei a distribuir os santinhos, acabou tudo. Isso porque as crianças, os pais e os professores de muitas das escolas por onde eu passei envolveram-se de coração na campanha”. O resultado não poderia ser diferente: foi expressivamente eleita para o cargo no qual passou a fazer toda a diferença. A partir daquele ano de 2001, em plena virada de século, Abeí abriu terreno fértil para garantir formas eficazes de

cidadania para as mulheres, em um trabalho especialmente voltado à educação, às crianças e adolescentes, e à família. Das dezenas de projetos propostos e aprovados, alguns merecem destaque: acesso a exames gratuitos e periódicos a mulheres de baixa renda; em parceria com o COMUT (Conselho Municipal de Trânsito), a criação de campanhas de conscientização contra a exploração sexual de adolescentes; no Conselho de Alimentação Escolar, interviu por melhorias e pela adaptação do cardápio da merenda escolar; foi autora do projeto Mãe Comunitária, do Paizão Comunitário e da Festa do Divino Espírito Santo; foi uma das precursoras da Escola Cidadã e do Vereador Mirim, dois projetos que reforçam a construção de identidade e de representatividade nas instâncias públicas de poder; criação da Polícia Municipal, do Projeto Paizão e do Estatuto do Idoso; reparação salarial para todas as professoras do Ensino Fundamental de Varginha, além de di-

versas homenagens às mulheres. Sobre esse último projeto, Abeí conta com muito carinho na sua fala: “busquei valorizar o trabalho e a atuação de todas as profissões abraçadas por mulheres. Sempre considerei fundamental reafirmar a importância dessas profissionais na evolução socioeconômica de Varginha”. E foram tantas homenagens, desde as garis até as mães comunitárias. Abeí fala com amor, saudade e orgulho dos projetos realizados. Afinal, como ela mesma afirma, foram alguns dos melhores anos de sua vida, uma vez que teve condições, enquanto vereadora, de incluir as mulheres, as crianças, os adolescentes e a família na pauta diária do Legislativo. E a ex-vereadora deixa o recado: “Por isso é tão importante que nós mulheres estejamos nas esferas de poder, sobretudo professoras. Se com a ainda baixa representatividade conseguimos avanços tão expressivos, o que dirá com muito mais”.



# Meryvone Mansur Biscaro

Mandato de 2005 a 2008  
e presidente da Câmara em 2005 e 2006



Uma pequena jovem mulher de apenas 11 anos de idade tem a sua avó como a grande inspiração. Diz, aos quatro ventos e incansavelmente, que deseja ser presidente do Viva Vida quando se tornar adulta. Forte e determinada, diz que vai batalhar por isso e que cuidará do legado deixado pela avó.

Esses planos já tão bem consolidados não surgiram de repente, afinal, o Vida Viva hoje repre-

senta uma das associações de voluntariado mais reconhecidas de Minas Gerais.

Por trás dessa potência de desejo e de transformação, está uma avó que não mede esforços para transformar a vida de quem mais dela precisa. É Meryvone Mansur Biscaro, uma jovem senhora engajada e bem disposta nos seus 74 anos que desde sempre acolheu o ser humano.

Ouvir os relatos de Meryvone,



ex-vereadora de 2005 a 2008, é igualmente entender como a influência da ancestralidade tem um impacto determinante nas escolhas das próximas gerações. Alice Bíscaro Costa Pinto sabe convictamente que assumirá o Vida Viva porque se espelha na avó Meryvone, que, por sua vez, espelhou-se no pai Adib Mansur, um exemplo que, segundo ela, mobilizava a cidade e a família

para ajudar quem mais precisava, e também na mãe Leide Branquinho Mansur, atuante na pastoral da criança em Pedregulho, em São Paulo. Esse DNA, portanto, marca a família Mansur Bíscaro. Foi então que as experiências e circunstâncias na vida de Meryvone impulsionaram-na a finalmente dizer para o que veio. Ao acompanhar os pais na árdua batalha contra o

câncer (ambos foram acometidos pela doença), presenciou o carinho, o empenho e a dedicação dos profissionais e dos voluntários envolvidos no tratamento. Foram anos e anos de luta, mas também de acolhimento. E foi nesse preciso momento da sua vida que decidiu fazer desse amparo o seu objetivo de vida. Em 1995, numa pequena sala cedida pelo então prefeito Aloysio

Ribeiro de Almeida, fundou, em Varginha, a Associação do Voluntariado de Varginha – Vida Viva. Desde então, esse espaço tem acolhido milhares de pacientes oncológicos em tratamento e/ou recuperação, em sua maioria de baixa renda e sem acesso à alimentação e à medicação adequadas durante essa fase.

O trabalho de amparo se expandiu e tomou proporções jamais imaginadas. Como relembra Meryvone, hoje, o Vida Viva (com a coleta de material reciclável, a associação se enquadrou em oito itens de ODS) é responsável por mais de 200 voluntários, 30 funcionários, duas sedes e dezenas de cidades da região.

Com todo esse envolvimento, potência e expansão, o ingresso de Meryvone no Legislativo de Varginha aconteceu de maneira natural, orgânica. Em 2004, após ter sido convidada por três partidos, decidiu candidatar-se e, como não poderia ser diferente, foi expressivamente eleita: 1.945



votos, maior votação entre os vereadores das eleições naquele ano. “Foi uma sensação maravilhosa ter sido eleita. Tive então a oportunidade de elaborar leis que beneficiaram a população da minha cidade do coração”. Meryvone é natural de Uberlândia/MG, mas escolheu Varginha para ver a sua família crescer e atuar dentro e fora das instâncias de poder. A sua jornada como vereadora e como presidente da Câmara no biênio 2005/2006 abriu

caminho para conquistas expressivas e que se tornaram um legado na luta por uma maior transparência no trabalho dos vereadores – tendo, inclusive, implantado o circuito de TV na Câmara, com transmissão em tempo real – e na inclusão e assistência sociais. Por tudo isso e tantas outras conquistas importantes, Meryvone é categórica ao deixar o recado: “Mulher tem que participar da política. É preciso participar desse funcionamento para ter lugar de fala. Esse é o primeiro passo, por mais difícil que ainda pareça ser, para termos ainda mais autonomia, liberdade e voz ativa”.

# Célia Aparecida da Silva

Tia Celinha

Mandato de 2009 a 2012



“Nós mulheres não devemos jamais nos adaptar, e sim ser sujeitos da história”. Uma frase dessa envergadura e com esse empoderamento, normalmente é (re) produzida por jovens tomadas pelo desejo emancipatório de provocar as mudanças necessárias de seu tempo. Ou, ainda, por mulheres atuantes, seja qual for a faixa etária, em áreas e movimentos que especialmente voltam os seus trabalhos para a árdua tarefa

de reparação histórica de um grupo ainda dito minoritário e ainda excluído do processo emancipatório de inserção na sociedade, na economia e no poder político. Quem olha para uma senhora simpática, com mais de 60 anos, nem imagina que possa sair tamanha força de ação. Estamos falando de Célia Aparecida da Silva, mais conhecida em Varginha e arredores como Tia Celinha. Foi a experiência no Legislativo



de Varginha, como vereadora no mandato de 2009 a 2012, que Celinha entendeu a sua força transformadora e de como o poder público, enquanto espaço democrático e plural no processo de construção de políticas públicas direcionadas, emerge e consolida o protagonismo das mulheres. Foi então que a psicopedagoga formada no início da década de

90 resolveu arregaçar as mangas, aprimorar o seu conhecimento especificamente para a atuação no Legislativo, e catalisar os seus mais de 30 anos de experiência em educação para assegurar a igualdade, a equidade e o alcance cada vez maior da cidadania das mulheres varginhenses. Tia Celinha foi lá e fez! Tão logo recebeu o convite do partido, em

2007, sentiu que aquela seria a chance de atuar mais diretamente no interesse da comunidade e também das mulheres. Celinha recebeu o apoio incondicional da família, dos alunos, das escolas e de todos os espaços afetivos onde desde sempre atuou e provocou mudanças reais na vida de centenas de famílias.

Em 2009, depois de uma votação muito expressiva, Tia Celinha comporia a Câmara Municipal de Varginha ao lado de Racibe Faria. Ao longo de quatro anos, apenas essas duas mulheres compuseram o Legislativo enquanto vereadoras. A pouca representatividade nesse espaço não as impediram de deixar uma marca importante na agenda política das mulheres. Lugar de vanguarda por excelência, a Câmara tem garantido cada vez mais espaços de visibilidade e de discussão temática que impactam positivamente a vida das mulheres. Sentindo então todas as condições favoráveis para colocar

em prática a sua luta por justiça social e o seu trabalho humanitário de décadas, Tia Celinha então buscou pelas áreas nas quais tem mais afinidade e experiência e dedicou-se integralmente à educação, saúde e à família, especialmente ao acesso à saúde sexual e reprodutiva das mulheres e acolhimento às vítimas de violência doméstica.

O aprendizado era constante, diário e intenso. Esse cotidiano que passara a assumir, somado ao talento inato de aprender, evoluir e crescer ajudaram-na a compreender, com mais propriedade e experiência, que há demandas e necessidades que somente as mulheres conseguem sentir e saber. Foi estando do outro lado do poder que Tia Celinha compreendeu a real importância de haver maior representatividade das mulheres em espaços de construção de políticas públicas que lhes tragam bem-estar e qualidade de vida. E justamente por isso, Tia Celi-



nha, hoje coordenadora pedagógica em uma escola estadual, não abandona a luta. Reafirma, ao longo do seu relato, que não há idade para batalhar pela condição digna e igualitária das mulheres, sem violência e com reconhecimento: “os avanços, embora lentos, são significativos. Se não, eu não teria sido eleita vereadora e a minha luta por justiça não teria

surtido tamanho efeito na vida de tantas mulheres de Varginha. Esse é o meu legado”. Tia Celinha sorri largo quando se lembra de que abriu caminho para que muitas e muitas mulheres se sentissem suficientemente fortes, capazes e empoderadas para dizerem para o que vieram: ocupar cada vez mais os espaços públicos de poder.

# Racibe de Fátima Faria

Racibe da Acrenoc

De 2009 a 2016 (reeleita em 2 mandatos)



O ano de 1999 foi significativo para a humanidade. A virada para o século XXI trouxera mudanças estruturais em muitos campos afetivos, profissionais e pessoais. Como foi para a psicóloga, advogada e ex-vereadora da Câmara de Varginha, Racibe de Fátima Faria, que permitiu que a força das circunstâncias impulsionasse alguns dos movimentos mais importantes da sua trajetória.

O empenho constante na luta

pela inclusão social e acolhimento de dependentes químicos em Varginha por muitos anos, rendera, naquele ano, um passo ousado. A então secretária da Saúde, Berenice Tavares, convidou Racibe para participar da Conferência Municipal de Saúde. Foi naquele lugar e com aquelas pessoas que a então advogada entendeu o impacto que a Sociedade civil organizada pode ter ao atuar na comunidade varginhense. Mas ali

também entendeu como a construção e a aplicação de políticas públicas eficazes, plurais e inclusivas são essenciais para a melhoria da qualidade de vida de toda uma população. Foi naquele preciso momento que entendeu a sua potência de vida e a possibilidade concreta de fazer a diferença na vida de quem já não tem mais com quem contar.

E eis que o destino abriu um caminho ainda mais fértil para que essa semente finalmente ganhasse raízes. Dias após a participação na conferência que lhe rendera um prêmio de primeiro lugar (projeto voltado à internação e ao tratamento dos dependentes de álcool e outras drogas), recebeu um outro convite, dessa vez, do prefeito: participar, nos últimos dias de 1999, da elaboração do Plano Plurianual, mais conhecido como PPA, instrumento de planejamento governamental que define as diretrizes, objetivos e metas da administração pública municipal



para o horizonte de quatro anos. A partir dali, a vida de Racibe nunca mais foi a mesma. Desde então, tomou frente do que hoje é considerado um espaço modelo de acolhimento de dependentes químicos, a ACRENOC (Associação Comunitária de Recuperação Novo Caminho). No ano seguinte à participação no PPA, passava a ampliar o seu conhecimento científico nessa área. Desde então vem realizando esse trabalho em



prol dos dependentes químicos, “dando de graça aquilo que recebeu”, como relembra Racibe. Um outro convite mudara definitivamente a sua vivência profissional. Convidada a integrar o então partido PR, gradativamente abria o seu coração para uma atuação política. Assim, o que parecia ser um desejo impensável, tornou-se um trabalho efetivo: em 2008, foi eleita vereadora de Varginha.



Coragem e autoafirmação foram os ingredientes que se somaram a um baixo investimento em campanha. Com apenas três mil e quinhentos reais, encarou o pleito, marcou território, conquistou votos e chegou lá. Nos dois mandatos (2009 a 2012; e 2013 a 2016), exerceu o papel de agente fiscalizadora dos atos do Executivo, atuando em todos os setores que envolvem o uso e abuso de todas as substâncias

químicas (álcool e outras drogas). Trabalhou ainda pela internação involuntária, destinada a quem precisa de um tratamento, mas que ainda apresenta dificuldade em aceitar uma internação sob o método regime fechado; enfermária, com tratamento psiquiátrico aos dependentes químicos crônicos; amparo a todas as entidades que trabalham neste setor no município e para conseguir uma sede própria para o funcionamento dos

grupos de autoajuda existentes em nosso município.

Ao longo desses anos, sentiu-se atuante, viva, potente e muito bem acolhida. Mas ainda se lembra de muitos episódios em que o enfrentamento de gênero foi necessário. E é justamente esse aspecto, a assimetria de gênero que, segundo a própria Racibe, ainda nos impede de contabilizar expressivos avanços das mulheres nos espaços institucionais de poder, tanto em nível municipal como federal. “Embora tenhamos o nosso valor reconhecido e estejamos nos autoafirmando, a nossa representatividade ainda é baixa”.

Racibe continua trabalhando para ser fonte de inspiração às mulheres que ambicionam fazer a diferença no campo político, dentro e fora de Varginha, dando visibilidade à incansável luta pelos direitos humanos e inclusão social.

# Zilda Maria da Silva

De 2017 a 2024 (reeleita em 2 mandatos)  
e presidente da Câmara de 2020 a 2022



A sensação de ter feito a escolha certa em cada movimento, em cada oportunidade que a vida lhe concedeu ajuda a resumir parte da trajetória dessa mulher engajada e determinada que assumiu seu espaço na Câmara de Varginha.

Embora alguns dos planos tenham se modificado ao longo do seu percurso de vida, Zilda Maria da Silva, hoje presidente da Câmara de Varginha, foi suficientemente resiliente para

entender o tempo das coisas, o tempo da vida.

Durante muitos anos, trabalhou como comerciante. Nesse ofício, permitiu-se ao convívio diário com pessoas das mais diversas origens, anseios e, sobretudo, dificuldades (inclusive financeiras). Foi vivendo a vida cotidiana que Zilda passou a ajudar a todos que a procuravam. “Como eu tinha uma loja de roupas e calçados, quando sobravam as pontas de



estoques, doava para atender às pessoas carentes”, relembra com carinho esse momento da sua trajetória. E esse movimento empático, de profunda solidariedade e doação, que a motivou a se envolver em projetos sociais.

Num dado momento da sua vida, por complicações de saúde, a família optou por vender as lojas. Foi nessa decisão difícil de ser tomada que Zilda estava a meio passo de fazer parte do Legislativo de Varginha para não sair mais. O início de sua trajetória na Câmara Municipal deu-se em 2007, trabalhando como assessora de gabinete

até 2012. No ano seguinte, Zilda recebeu o convite do então prefeito, Antônio Silva, para integrar a Prefeitura, ocupando os cargos de chefe do Setor de Empregos e posteriormente da Ouvidoria.

Todo esse percurso construiu-se como a grande oportunidade para se autoafirmar como uma mulher suficientemente capaz de fazer a diferença no Legislativo como vereadora. Foi então que em 2016, candidatou-se e venceu. Expressivamente: única mulher eleita naquele ano, com aproximadamente mil votos. E em 2020, Zilda repete esse fei-



to ao ser novamente eleita, com 926 votos.

O trabalho de Zilda, à frente da Câmara, é uma extensão de si mesma: acolhe, dá o amparo necessário, ouve com atenção plena a quem quer que recorra a ela. Busca solução para os mais diversos problemas da população. “Desde que assumi o mandato como vereadora, venho trabalhando com projetos importantes para nos representar, principalmente em ações que visam o fortalecimento do combate à violência contra a mulher”, relembra Zilda.

Quanto à sua dedicação no enfrentamento das assimetrias de gênero, Zilda promoveu audiências públicas, participou de reuniões, buscou recursos e entrevistou na vinda de uma delegada mulher que hoje responde pela Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher de Varginha. Participou de vários encontros, sempre levando as dificuldades que as mulheres enfrentam no dia a dia, fazendo questão de envolvê-las em projetos sociais e de valorizá-las perante a sociedade “para que possam se encorajar e perceber o quanto são importantes e neces-

sárias na política”, afirma Zilda. Não à toa, alcançou um patamar importante: ser presidente da Câmara. Transitar com tamanha sensibilidade, engajamento e força de vontade faz de Zilda uma inspiração para que muitas outras mulheres ocupem os espaços institucionais de poder em Varginha, sobretudo como forma de fortalecer o protagonismo feminino na sociedade. Pensando nisso, Zilda tem promovido encontros com os mais variados assuntos como forma de dar voz e vez a essas mulheres que pretendem disputar uma campanha política.

“Hoje vivemos momentos em que as mulheres vêm ocupando e conquistando cada vez mais espaços na sociedade, em diversos segmentos profissionais e se destacando cada vez mais na política”. Mas Zilda é enfática: “Se pudermos contar umas com as outras, conseguiremos ter o envolvimento de mais mulheres que se encorajarão a participar e mais mulheres que terão interesse em se ver representadas por outras que irão batalhar por suas bandeiras”.



**Câmara Municipal de Varginha  
Legislatura 2021 a 2024**

**Mesa Diretora 2021:**

Presidente: Zilda Maria da Silva  
Vice-presidente: Rodrigo Silva Naves  
Secretário: Daniel Rodrigues de Farias

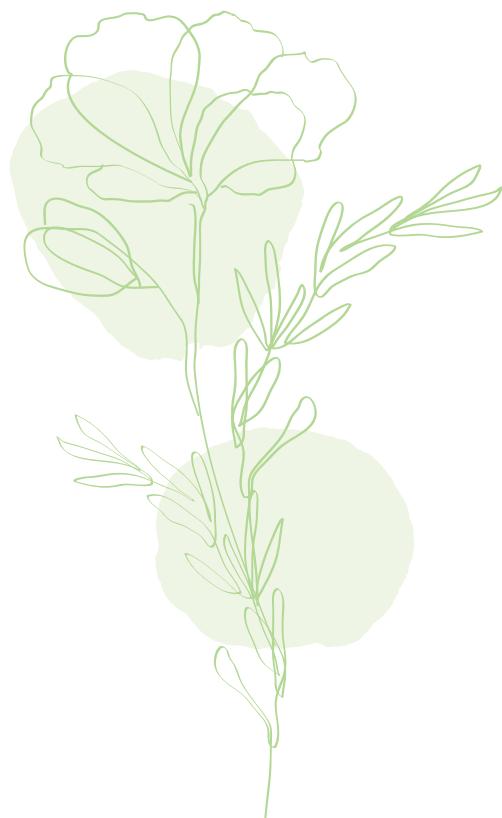
**Vereadores:**

Alberto Dias Valério  
Apoliano de Jesus Rios  
Carlos Roberto Rodrigues  
Cristovão Vilas Boas Sandi  
Eduardo Benedito Ottoni Filho  
Fernando Guedes Oliveira  
João Martins Ribeiro  
José Roberto Batista  
Lucas Gabriel Ribeiro  
Marco Antônio de Souza  
Reginaldo de Oliveira Tristão  
Thulyo Paiva Machado

*Varginha/MG, março de 2022.*

**Produção de texto, edição e diagramação:**

Versão Br – Comunicação e Marketing



# *Dereadoras de Varginha*



**CÂMARA  
MUNICIPAL DE  
VARGINHA**